

A BÊNÇÃO DE UM PAI

Morgan Cryar

Muitas manhãs, quando eu era criança, tropeçava no escuro ao andar em direção à caminhonete da família. Entrava, voltava a dormir e só acordava ao som da conversa durante uma parada a caminho das florestas de Louisiana.

Embora fosse muito jovem, ainda me lembro de que me vestia, subia na caminhonete com o papai - a pessoa mais importante da minha vida naquele tempo - e ia com ele caçar esquilos ou cervos nas primeiras horas da manhã.

Há dez anos, certa manhã, estava indo novamente à floresta para caçar com papai. Já era adulto e tinha minha própria família. Havia traçado o roteiro havia meses e tinha prometido fazer uma viagem de nossa casa, em Nashville, Tennessee, até os pântanos de Lake Charles, Louisiana, onde eu havia crescido.

Embora ainda não soubesse, essa não seria uma manhã comum, mas a manhã e- que eu descobriria a aprovação de papai. Nessa manhã, ele me daria a sua bênção.

Quando entramos em sua velha caminhonete, ele ligou o motor, e uma música começou a tocar no toca-fitas. Conhecia bem aquela melodia e estava surpreso por ouvi-la na caminhonete de papai. Era minha mais recente gravação e estava sendo proclamada no silêncio da manhã. Não pude evitar e disse:

- Eu não sabia que você tinha essa fita. Você costuma ouvi-la?

Sua resposta me surpreendeu.

- É a única coisa que eu escuto.

Olhei ao redor e, com certeza, era a única fita cassete em sua caminhonete. Fiquei emudecido!

- É minha favorita - disse papai referindo-se à canção que estava sendo tocada naquele momento.

Em silêncio, continuamos em direção ao lugar onde íamos caçar, e eu imaginava o que estava acontecendo. Parecia uma coisa insignificante: somente poucas palavras foram pronunciadas. Mas algo diferente estava no ar. Sentado ao lado de papai, olhei para ele de soslaio e lembrei-me de dois momentos decisivos em nosso relacionamento.

Um deles aconteceu quando eu estava na faculdade. Lembro-me de que, até então, nunca ouvira meu pai dizer que me amava.

Sabia que ele amava, mas não me lembro de tê-lo ouvido expressar isso. Era algo que ele simplesmente não fazia. Por algum motivo, ouvir essas palavras de seus lábios tornou-se importante para mim. No entanto, sabia que ele nunca tomaria a iniciativa.

Então, naquele verão, no caminho de volta para casa, decidi que iria "forçar a barra" dizendo-lhe primeiro que eu o amava.

Aí, ele teria que me retribuir. Seria simples. Somente três palavras. Pensei que haveria uma grande abertura em nosso relacionamento quando chegasse em casa e lhe dissesse: "Amo você, papai", e ele respondesse que me amava também.

Mas não foi tão simples assim. O primeiro dia veio e se foi, e eu pensei: Tenho que dizer para ele amanhã! O segundo dia veio e se foi. O dia seguinte, e mais outro dia e o próximo. Doze semanas se passaram até que o último dia de minhas férias de verão chegou. Estava frustrado por não ter dito aquelas três palavras a papai. Meu carro já estava cheio de malas e estacionado na entrada da casa. Prometi a mim mesmo que não ligaria o motor sem cumprir minha tarefa. Para alguém com um relacionamento afetivo aberto com o pai, isso parecia uma tolice, mas para mim era sério. As palmas de minhas mãos estavam suadas, e minha garganta, seca. Meus joelhos tremiam, à medida que a hora de partir se aproximava.

Tinha sido uma boa visita de verão. Havia urna tristeza geral na casa, porque eu estava voltando para a faculdade, que ficava do outro lado do estado.

Finalmente, não pude mais esperar. Abracei minha mãe, meu irmão, minha irmã e fui à procura de papai. Aproximei-me dele, olhei em seus olhos e lhe disse:

- Amo você, papai.

Ele deu um meio sorriso, colocou os braços ao redor de mim e disse o que eu mais precisava ouvir:

- Amo você também, filho.

Enquanto nos abraçávamos (outra coisa que não acontecia desde a minha infância), parecia que milhares de volts de eletricidade estavam no ar. Foi algo pequeno que mudou tudo!

Daquele dia em diante, todas as nossas conversas eram encerradas com "eu amo você, pai" e "eu amo você também, filho".

Abraços tornaram-se comuns ao nos cumprimentarmos e nos despedirmos. Aquilo resultou em um novo relacionamento entre papai e eu.

Enquanto ia com ele, naquela manhã, caçar na floresta, essa lembrança me veio à mente.

O outro momento decisivo aconteceu após a faculdade.

Lembro-me de ter aprendido em um seminário a respeito de ter a consciência limpa em relação àqueles a quem ofendemos. Isso era completamente novo para mim: admitir a culpa e pedir perdão.

Parte desse processo foi pedir a Deus que me mostrasse todas as pessoas com as quais eu precisasse me entender. Com certeza, o primeiro da lista era papai. Então, sentei-me com ele e comecei pelas piores coisas que havia feito; depois, contei as menores.

Confessei tudo o que eu sabia, as coisas que o tinham magoado desde a minha infância. E, simplesmente, perguntei:

- Pai, você me perdoa?

Como já era esperado, papai ficou embaraçado e tentou fugir:

- Ah, está tudo bem, filho.

- Para mim, é muito importante ouvir que você me perdoa - eu insisti.

Ele olhou bem para mim e disse:

- Já foi perdoado.

Aquela era a sua maneira de dizer que não tinha ressentimentos.

Imediatamente, mais uma vez, tudo mudou. A partir daquele dia, papai passou a tratar-me com um novo respeito, como um adulto, como um amigo.

No silêncio da manhã, a caminho da floresta, esses pensamentos vinham-me à memória, e o fato de papai aprovar meu chamado, meu trabalho, minha música, trazia-me tranquilidade. Não imaginava como sua bênção se tornaria tão preciosa para mim.

Uma semana depois, quando já havia voltado com minha família para Nashville, recebi um telefonema de meu irmão, Tommy, dizendo-me que papai tinha sofrido um ataque cardíaco na varanda de casa e que falecera. Ele era jovem e saudável - somente 49 anos de idade. Foi o dia mais sombrio de minha vida.

Embora minha família e eu sentíssemos muito sua perda, eu ainda tinha muito a agradecer. Desfrutei 30 anos com meu pai, alguns deles como seu amigo. Ele me estruturou para superar o desafio de criar meus próprios filhos, inclusive meu filho que nasceria seis anos depois, no Dia dos Pais.

Embora papai tenha partido, nos primeiros momentos daquela manhã, a caminho da floresta, ele havia me dado algo de grande valor para ser passado adiante: a bênção de um pai.